Qual Paulo?
Que Educação?
20 fragmentos de memorias
a respeito o que veio a ser a Educação Popular,
acompanhados de um "adendo"

Carlos Rodrigues Brandão

Esta breve e episódica "arqueologia da educação popular" é dedicada a Alda Maria Borges Cunha e Maria Teresa Sirvent, e também a Baldoino Andreola e Osmar Fávero. Uma querida gente que, como eu, é remanescente dos primeiros tempos "dos anos sessenta", e daquilo que veio a ser depois chamado de "educação popular".

Um pequeno preâmbulo pessoal em busca de origens remotas

Em julho de 1961 imagino que eu deveria ter pensado que um meu inesperado escrito sobre a educação seria o primeiro... e o último. Ele foi escrito para ser apresentado em uma 1ª Semana Nacional de Estudantes de Faculdades de Filosofia. Foi logo depois esquecido... e mereceu ser esquecido. Afinal em um ano eu saltaria da filosofia para a psicologia, e em uma década migraria da psicologia para a antropologia.

No entanto, entre tramas do destino eu me vi incorporado à "Equipe Nacional" do *Movimento de Educação de Base*. E me integrei à "Equipe de Animação Popular", algo trazido para o MEB desde a França, através de "experiências" no Senegal.

Meus então primeiros estudos e escritos tinham mais a ver com a *cultura popular*, através da *animação popular*. Até então eu, um autêntico "Menino do Rio", ocupado em enfrentar ondas do mar do Arpoador e escalar montanhas, até ingressar na universidade, mal sabia que com a *educação popular* havia quase ao acaso topado com uma vocação que me acompanha até hoje.

Se você estiver lendo este breve escrito em algum mês de 2021, quando comemoramos "os 100 anos do nascimento de Paulo Freire", saiba que eu também "festejo" pessoalmente os meus 60 anos de ingresso do que mais tarde viemos a chamar de "militância na educação popular".

Em 1966, no começo dos duros anos da "ditadura militar", eu me tornei um professor universitário. Saído de um curso de psicologia e vindo de um ano de estudos sobre educação e comunidade no CREFAL, um instituto da UNESCO

sediado em Pátzcuaro, no México, eu me apresentei, sem conhecer sequer uma pessoa de lá, na Faculdade de Educação da Universidade de Brasília. Após meia hora de conversa com a diretora saí contratado como "professor auxiliar TP20".

Já em Goiás, e migrado cedo para territórios entre a psicologia e a antropologia, transitei de Rogers e de Freud para Malinowski e Lévi-Strauss. No entanto, mantive uma fidelidade entre leituras, práticas assessoras e a partilha da vida "companheiros da educação popular", entre Osmar Fávero, Paulo Freire. Orlando Fals-Borda e mais uma afortunada quantidade de pessoas do Brasil e da América Latina.

Assim, desde 1961/1963 vivi e sigo vivendo uma vida para cuja identidade a assinatura "educador popular" tem sido a mais frequente, tanto em minha vida quando na maioria das pessoas que provavelmente estarão lendo, no todo ou em partes, essas anotações tardias e carregadas de memórias e de imaginários. Mas anotações aqui e ali confessadamente pobres de certezas, de afirmações assertivas e, sobretudo, de teorias.

Pessoas que pensam e vivem em territórios que começam no presente e estendem-se ao futuro não encontrarão valor ou utilidade alguma no que escrevo aqui. Pessoas, como eu, acreditam que boa parte do que procuramos entre o presente e o futuro escondem alguns segredos seus entre desvãos do passado, poderão ler com proveito esses esboços de "arqueologia da pedagogia".

Quero recordar algumas lembranças, ao lado de esquecimentos, de apagamentos, entre momentos arcaicos ("anos sessenta"), antigos (dos setenta aos noventa) e mais recentes (dos noventa até agora). Quero relembrar situações, ações, ideias, ideários e imaginários nem sempre recordados, quando se fala a respeito do que entre os anos 60 e 70 veio a ser o que viemos a chamar de Educação Popular.

Escrevo em pequenos lances, cada um antecedido de um número.

Entre dados, fatos, feitos e suposições lembro aqui fragmentos entre o conhecido e divulgado, o conhecido e silenciado, o semi-conhecido, o quase-esquecido, o desconhecido, mas provavelmente plausível.

Quero trazer o passado, com a esperança de que estarei falando desde o presente, sobre o futuro. Eduardo Galeano um dia escreveu isto. Que seja aqui um convite e uma "carta de rumos".

Temos um esplêndido passado pela frente.
Para os navegantes com sede de vento
a memória é um porto de partida[1].

---

[1] Eduardo Galeano, conforme estava escrito em uma parede do auditório da Facultad de Filosofia y Letras da Universidad de Buenos aires, ao lado de uma galeria de fotos e dados mínimos de cerca de 400 estudantes dos "anos 70", mortos ou desaparecidos durante a ditadura militar na Argentina.

1. Um homem movido a saudade

Paulo Freire foi sempre um realista militante, amoroso e sentimental. "Saudade" era uma das suas categorias mais essenciais. Eis a carta com que ele encaminha a Jacques Chonchol, no Chile, um pacote contendo o manuscrito de Pedagogia do Oprimido.

> *Queridos amigos*
> *Jacques Chonchol e Maria Edy*
>
> *Faz este mês, exatamente, quatro anos que cheguei a Chile Deixava Elza, deixava os filhos nossos, deixava uma velinha atônica ante o que lhe parecia compreender (a mãe dele). Deixava o Recife, seus rios, suas pontes, suas ruas de nomes gostosos – "Saudade" – "União" - "7 pecados"; Rua das "Creoulas"; do "Chora Menino", rua da Amizade, do Sol, da Aurora. Deixava o mar de água morna, as praias largas, os coqueiros. Deixava os pregões: "Doce de bana e de goiba!". Deixava o cheiro da terra e das gentes do Trópico Deixava os amigos, as vozes conhecidas Deixava o Brasil. Trazia o Brasil. Chegava sofrendo a ruptura entre o meu projeto e o projeto do meu País.*
> *Encontrei vocês. Acreditei em vocês. Comprometi-me com o seu compromisso no INDAP que você partejava.*
> *Queria que vocês recebessem estes manuscritos de um livro que pode não prestar, mas que encarna a profunda crença que tenho nos homens, com uma simples homenagem a quem muito admiro e estimo.*
> *Se nada ficar destas páginas, algo pelo menos esperamos que permaneça: nossa confiança no povo. Nossa fé nos homens, na criação de um novo mundo em que seja menos difícil amar*
>
> *Paulo,*
> *Santiago,*
> *Primavera de 68.*
> (na página 32 de *Pedagogia do Oprimido (o manuscrito).*

Em uma carta em que Paulo Freire encaminha o livro que viria a ser um divisor de águas no campo das lutas sociais populares e da educação, ele dedica, de 19 linhas (somadas todas), apenas três linhas para falar "de um livro que pode não prestar". E guarda todas as outras para, entre a saudade do que foi deixado e a amizade de quem foi encontrado, falar de pessoas, praias, cenários e pregões populares.

2. Círculos do passado remoto – círculos de cultura

Entre escritos seus, e falas que presenciei, Marilena Chauí lembrava que três emissários da palavra enunciavam na Grécia Antiga o saber essencial: o *poeta-aedo,* que pronunciava o passado (e *em Paidéia – a formação do homem grego* Werner Jaeger insistirá em que a primeira educação dos gregos veio através da poesia); o *rei-de-justiça*, que enunciava o presente; e o *oráculo*, que previa o futuro. Ela lembrava também que talvez tenham sido os guerreiros gregos (ler passagens da *Odisseia*) aqueles que reunidos ao redor de um círculo terão criado a isonomia do dizer, superando a autocracia dos velhos impérios, e passando ao largo (mas nem sempre) da anomia. Daí ao "círculo de cultura" tudo terá sido um pequeno grande salto.

Nesta linha de pensamento ouso acreditar que a *paidéia* de Paulo Freire tem bem mais a ver com a *poésis* - no velho sentido humanista grego da palavra, como formação da pessoa humana em sua plenitude e totalidade – do que com a *tekné,* ou seja, a instrução parcelar do indivíduo para a prática de alguma atividade.

> *Na época dos pré-socráticos a função de guia educacional esteve indiscutivelmente reservada aos poetas a quem se associavam o legislador e o homem de estado (**Paidéia – a formação do homem grego,*** página 190).

Sempre houve algo de arcaicamente "grego" em Paulo Freire.

3. Uma assumida ausência de títulos e de termos acadêmicos "na moda"

Estranhos e bem pouco regulamentares foram os títulos dos livros de Paulo Freire. Eles eram dirigidos a uma categoria pouco visível na pedagogia de então: os "oprimidos" os "esfarrapados". Ou vinham titulados com qualificadores que associavam a educação a uma prática social poético-radical, distante da normatividade pedagógica de seu tempo: *Educação como prática da liberdade; Pedagogia do Oprimido, Pedagogia da Esperança, Pedagogia da Autonomia, Pedagogia da Tolerância, Cartas aos educadores de Guiné-Bissau, Cartas a Cristina, À sombra desta mangueira*, etc.

4. "Aos esfarrapados do mundo"

Em tempos em que entre nós – tanto militantes cristãos quanto marxistas - as categorias de ordem eram: povo, massa popular, classe, classe operária, proletariado, campesinato (eu mesmo empreguei muito essas palavras em meus primeiros livros sobre a educação popular), Paulo Freire dedicou o *Pedagogia do Oprimido*... "aos esfarrapados do mundo...". Desde *Educação como prática*

da Liberdade os seus sujeitos serão: “o homem”, “o povo”, “os oprimidos”, “os subalternos”.

5. Humanizar através da educação

Paulo Freire não *pensa desde* uma pedagogia, no sentido mais tradicional e acadêmico da palavra. Ele *chega* a uma pedagogia através de uma filosofia humanista centrada no primado da pessoa.

E politicamente chega a ela através de uma crítica sociológica de vocação emancipatória. Pouco antes de *Pedagogia do Oprimido*, em um dos seus primeiros livros o sociólogo colombiano Orlando Fals-Borda, com quem estive, junto com Paulo Freire, em pelo menos duas ocasiões, pergunta se não terá chegado o tempo de se pensar “una sociologia de la liberación” desde a América Latina. Logo adiante Paulo Freire perguntará (e responderá) o mesmo a respeito de uma pedagogia.

Lembro também que o título original da tese de doutorado de Rubem Alves era: *Por uma Teologia da Libertação*. Os editores dos EUA o convenceram a trocar “libertação” por “esperança”, o que não deixa de ser uma boa idéia. Mas não no caso. A tese foi escrita e publicada nos EUA antes da edição em Inglês do Pedagogia do Oprimido. Mas em alguns momentos Rubem Alves traz ao seu livro longas citações do *Educação como prática da Liberdade.*

Assim, a sua pedagogia será um instrumento pessoal e coletivizado de humanização, através de um conhecimento tornado consciência. E não apenas uma didática dirigida ao aprendizado.

Neste sentido, e no interior de um círculo muito amplo, Paulo Freire pode ser situado (e ele mesmo se situava) entre os afiliados a uma “educação humanista”. Mas, qual humanismo?

6. Ser qual humanista?

A única “assinatura’ que Paulo Freire assume repetidamente é a de um pensador, educador e ativista “humanista”. As palavras “homem” (em um tempo em que esta palavra englobava também a mulher), “humano” e suas derivadas: “humanidade”, “humanismo”, “humanista”, estão presente em vários momentos de seus escritos.

Diante de variantes europeias e clássicas de “humanismo”, em algumas de suas cartas ou entrevistas Paulo Freire procura atribuir qualificadores a qual humanismo ele se refere, ao associar sua proposta de educação a uma vocação ideológico-filosófica. Assim, antes mesmo de qualificar a educação-pedagogia que propõe, em diferentes momentos, como o transcrito abaixo, ele qualifica em termos de compromisso concreto o seu “testemunho humanista”.

> *(...) Testemunho humanista. De humanismo que não se perde em frases feitas, quando muito sonoras, amontoado de palavras ocas, que fala em*

> *homem abstrato, fora do mundo, fora do tempo; humanismo pelo contrário (...) que é compromisso com o homem molhado de tempo, enraizado no mundo. Compromisso com os homens que estão sendo uma forma de não-ser.* (Carta de 13 de junho de 1969, Em ***Correspondência*** – página 12)

Embora pelo menos em minhas lembranças ele não tenha empregado a expressão "pedagogia crítica" para qualificar sua escolha, por certo é a esta ampla e nem sempre precisa variante que ele se afilia. E, mais do que apenas afiliar-se, é a ela que com palavras e propostas de uma radical concretude antes inexistente ou muito rara, que ele estabelece, a partir de um compromisso radical não apenas com um vago (e europeu) homem, mas com homens e mulheres "esfarrapados", "oprimidos", "subalternos", e, no entanto, criadores originais de consciência e sujeitos da história, que ele compromete uma pedagogia que tem "neles" os seus sujeitos centrais e, através deles e sus ações sociais de teor político, as ações coletivas e revolucionárias de transformação emancipadora: de consciências, de culturas, de sociedades, de sentidos de história.

Em seu livro Por uma Teologia da Libertação, há um momento em que Rubem Alves escreve algo que profeticamente irá acontecer com ele mesmo, anos e anos mais tarde.

> *A linguagem da teologia e da Igreja, a linguagem de muitos hinos, liturgias e sermões soa ao homem secular, comprometido com a tarefa de criar um mundo novo, como a voz de uma esfera estranha e remota. Esta é uma das razões porque um crescente número de pessoas estão deixando as igrejas e optando por um humanismo totalmente secular*[2].

Em tempo em que entre nós, "militantes de esquerda" entre as diversas vocações e tendências que ora nos congregavam, ora nos opunham, categorias como; "classe", "luta de classes", "classes trabalhadoras", "operariado", "campesinato" eram essenciais, observemos que elas são raras em Paulo Freire. Ele escreverá "povo", e dedicará *Pedagogia do Oprimido* "aos esfarrapados do Mundo".

A categoria fundadora do imaginário de Paulo Freire é o *homem*. Sua derivação é a reinvenção e a emancipação redentora do *humano*. Pois em sua linha de pensamento, e como herança de Alfredo Memni e Franz Fanon, a tarefa do homem dominado e subalterno, é libertar-se emancipando. Na mesma medida em que liberta o opressor de sua obrigação à opressão e liberta o dominador do exercício do domínio. Seu horizonte é o *humanismo*.

E como alguém que viveu intensamente – desde movimentos e agremiações católicas e, mais tarde ecumênicas, sigo acreditando que tudo o que ser criou

---

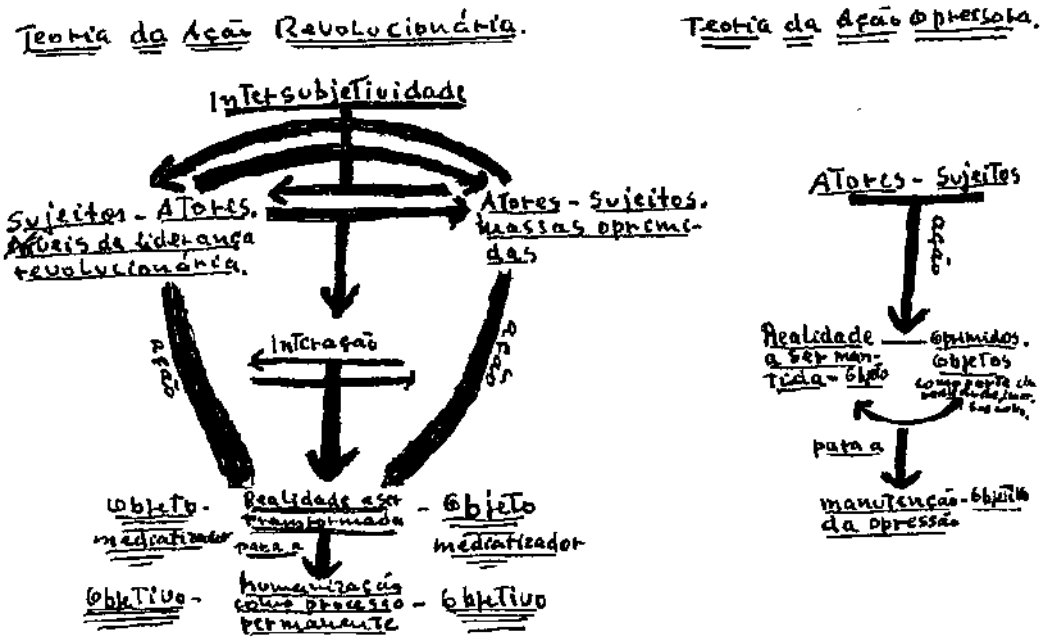
2. *Por uma teologia da libertação*, página 78.

primeiro como “cultura popular “ e, adiante, como “educação popular” fui possível porque o seu território de origem era uma franca “terra de ninguém”. Era um entre-lugares que abrigou desde o começo dos “anos sessenta” e segue abrigando: humanistas laicos (como Paulo Freire); humanistas cristãos e humanistas marxistas

7. Ação revolucionária, escrita a mão no original e esquecida na imprensa

Na página 322 de *Pedagogia do Oprimido (o manuscrito)* Paulo Freire traça dois desenhos, dois pequenos esquemas. A “Teoria da Ação Revolucionária” e a “Teoria da Ação Opressora”. Será uma das ocasiões em que a palavra “revolucionária” aparecerá em Pedagogia do Oprimido.

Estes dois esquemas e mais os escritos textuais que os acompanham nunca aparecerão nas edições a seguir impressas como livros: primeiro em edição em Inglês, depois em Espanhol e apenas mais tarde em Português.



Pessoal e intensamente envolvido nos “movimentos de cultura popular” dos anos sessenta, e com a *cultura popular*, Paulo e seus companheiros da “equipe pioneira” começam a ensaiar um “giro na educação” que será a marca de suas teorias, propostas e práticas.

Eles aprendem a pensar a educação como cultura. E, leitores de Antônio Gramsci e outros pensadores e ativistas socais, aprendem a pensar a cultura como política.

Entre tempos, vocações e estilos diversos, os seus livros serão escritos de uma *política cultural* emancipadora a ser realizada como *pedagogia* e através da *educação*.

Em boa medida, lembremos que o que fecunda aquilo que veio a ser mais adiante – já nos anos 70 – a *educação popular,* originou-se da *cultura popular* e, em linha direta, dos *movimentos de cultura popular* e dos *centros populares de cultura* do Brasil entre 1960 e 1964 (até abril).

Em janeiro de 1962 Paulo Freire e sua "equipe nordestina" respondem no Recife pelo *Primeiro Encontro Brasileiro de Movimentos de Cultura Popular*. Alguns grupos a eles pertencentes começavam a trabalhar com *"alfabetização popular"*.

E foi uma interativa relação entre pessoas "desde a educação" (pedagoga/os) e "pessoas para a educação" (cientistas sociais, artistas, pessoas da "área da saúde", trabalhadores sociais, escritores, etc.) aquilo que na aurora dos anos sessenta gerou e colocou em diferenciadas práticas o que mais tarde veio a ser congregado baixo o qualificador: "educação popular".

8. *educação popular, uma deriva, um desvio da pedagogia?*

Surgida em boa medida de círculos de pessoas mais na universidade do que da universidade, e bem mais em seus recantos liminares (diretórios acadêmicos, centros de cultura, agremiações políticas, como a *Juventude Universitária Católica, a Ação Popular, o Partido Comunista Brasileir*o) reunidas no que naqueles anos chamávamos de *MU – "movimento universitário*", que as propostas e experiências urbanas e rurais do que veio a ser a educação popular foram geradas e difundidas.

Assim, tudo surge na e através da "vida universitária" dos "anos sessenta". Mas não na ou desde a "estrutura universitária". Assim foi. Assim segue sendo.

Até os dias de hoje a educação popular de vocação freireana é pouco ou mal acolhida e pouco reconhecida nos cenários mais oficiais da academia. Isto porque desde a sua origem ela não é nem "oficial" (não deriva de alguma dimensão de poder de estado) e nem é oficialmente "universitária". Ela não se original no âmago constitutivo da estrutura das academias e não se reconhece como sendo "da academia". Ela não é uma pedagogia no sentido clássico e usual nos livros de "História da Educação". Ela é um movimento social através, também, da educação. O seu lugar ideal de origem e ação são os movimentos sociais de vocação popular.

Enfim, a *educação popular* é uma deriva pedagógica, não uma proposta regular, o que antes aconteceu também como que veio a ser mais tarde – e não raros após perseguições e silenciamento – considerado como uma "proposta pedagógica inovadora". A educação popular é um movimento, não uma instituição; é um acontecendo, não um acontecimento e, menos ainda, um acontecido.

Que a antropologia de Victor Turner (muito mais lido ontem do que agora) me ajude. Turner lembra que de uma pequena tribo indígena a uma escola de samba e dela a uma grande universidade no Rio Grande do Sul, tudo o que de alguma maneira se constitui, legitima e consagra como uma instituição social tende a se abrir a uma perene e volta e meia conflituada posição entre espaços de "estrutura" (o termo é de Turner) e espaços liminares de "communitas" (idem e ele opta por colocar em Latim). Assim, no mundo universitário "estrutura" é o que está escrito nos seus "estatutos", "regimentos", "normas" e afins. E "communitas" é o existe desde agremiações estudantis contestatórias, movimentos gremiais e/ou ativamente políticos, até o que se escreve nas portas de banheiros.

Claro, variando muito de uma para outra universidade, a educação popular pode existir dentro da estrutura, como quando há um "Mestrado em Educação Popular" como na Universidade Federal da Paraíba, ou na Universidad Nacional de Lujan, na Argentina, ou quando dentro de uma Faculdade de Educação da UNICAMP cria-se e se institui um GEPEJA (de que me alegro em fazer parte). Lembro que os primeiros trabalhos de Paulo Freire com o que veio a ser a educação popular foram realizados em um espaço de "estrutura", o Serviço de Extensão Comunitária – SER, da Universidade do Recife. E lembro que já anos após o retorno dele ao Brasil, Paulo Freire foi secretário de educação da Prefeitura de São Paulo, em tempos de Luiza Erundina. Aguentou durante seis meses. Depois de aposentado da UNICAMP dedicou- se ativamente a trabalhos na PUC de São Paulo e no Instituto Paulo Freire.

Hoje em dia acredito que em suas formas mais atuantes e mais francamente populares e emancipatórias, as variantes do que chamamos de "educação popular", observadas todas as diferenciações reconhecidas a partir do que latino-americanamente temos chamado de "reconceptualización de la educación popular", a partir do "oitenta-noventa, são vividas e pensadas mais como "communitas" nas agremiações oficiais e nos movimentos populares do que em espaço oficiais e regulamentares de "estrutura".

Adendo

Momento de uma fala de Osmar Fávero na Mesa Redonda sobre Educação Popular na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo

(a íntegra desta roda de conversa faz parte deste "acervo de educação popular")

O que mais projetou o MCP não foi essa experiência, por mais válida que ela tenha sido. Foi que Arraes chama intelectuais de Recife: Paulo Freire, Paulo Rosas, Germano Coelho, etc. e monta um movimento de cultura popular. Essas pessoas, Germano Coelho, particularmente, já havia tido uma experiência de Europa, vendo como se colocava a cultura popular na Europa,

vendo algumas experiências de kibutz em Israel e alguns trabalhos diferentes. Ele fez alguns relatos lindos nesse encontro que nós tivemos.

Ele foi fazer uma tese de doutorado na Europa e o orientador dele perguntou se ele não queria ver outras experiências, que tinha um movimento chamado Povo e Cultura, na França; as experiências de kibutz, uma outra experiência de organização social e econômica; a experiência de Igreja, trabalhando com população pobre em prefeituras da Itália, da França. Quando ele chega em Recife, ele não faz a mesma proposta de cultura popular do período. A cultura popular da Europa era muito a disseminação e a divulgação da cultura erudita para as camadas populares. Mas, dentro desse gênero havia trabalhos diferentes com artesãos, etc., mas em outro nível. Os textos dos Germano são textos lindíssimos, com frases muito cultas, muito pontuais e ele diz que o MCP nasceu dos alagados de Recife. Alagados eram as favelas das beiras dos rios.

Um dos intelectuais, um dos artistas desse grupo, Abelardo da Hora, em 61/62, fez um álbum de desenhos de meninos de Recife. Hoje, quando falamos de desenhos de meninos de Recife, é uma coisa comum, mas naquele tempo era como um soco na cara. Mostrar meninos engraxates, meninos tirando siri, vendendo na rua, meninos dormindo em baixo de ponte, meninos cheirando cola, um álbum que foi um pouco como um álbum de retratos do que o MCP pretendia. O MCP fez uma enorme divulgação desse lado da cultura popular. Na beira do rio havia feiras constantes de artesanato, então se tinha essa expressão.

Paulo Freire vai aparecer no MCP junto com Abelardo da Hora e com Paulo Rosas. Eles fazem parte de uma comissão chamada "de cultura". Eles fazem algumas pesquisas para saberem de onde vinha o Reisado, o Bumba-meu-Boi, a Festa de São João, que no Nordeste é muito mais forte, a cidade parou para fazer a Festa de São João. Lá, o Bumba-meu-Boi é uma grande expressão que vem desde os tempos de colônia. A prefeitura desapropriou um pequeno sítio, chamado Sítio da Trindade e fez uma sede onde essas coisas eram feitas. Alguns intelectuais sofisticaram um pouco isso. Por exemplo, as cantorias que as carpideiras, as mulheres que vão para o enterro e ficam cantando aquelas ladainhas, alguns criaram peças de teatro em cima disso, algumas expressões e o povo não gostava. Nós gostávamos, mas o povo não. Isso não era possível com o artesanato.

Vem daí a experiência do Paulo de tentar fazer uma alfabetização dentro de um projeto que esses três homens chamavam de "Praça de Cultura". Além das exposições de beira de rio, em cada pracinha de Recife havia praças de cultura. Numa dessas praças de cultura, que aconteceu numa casa abandonada, chamada Posto da Panela, o Paulo traz a experiência que ele tinha tido de não trabalhar com texto escrito em um primeiro momento. O Paulo, quando ele trabalhava no SESI, ele usava projeções de textos, pequenas notícias de jornais e discutia com os operários, num curso de educação de adultos, que se discutia situações de vida operária. Isso ele tentou fazer com a

alfabetização. A experiência do Posto da Panela foi feita com o processo que Dona Elza, esposa de Paulo Freire, utilizava na escola dela. Eram fichas com palavras, que naquele tempo era um método inovador. Trabalhava-se com palavras e das palavras formavam-se frases. Elza nunca escreveu nada sobre isso. Atualmente saiu um livro, em Santa Catarina, em que a Elza conta como ela ajudou o marido dela nessa primeira experiência, com um método que naquele tempo era inovador.

O grupo de alfabetização de adultos do MCP começou com a mesma proposta, que era forte naquele momento, de fazer escolas radiofônicas para adolescentes e adultos, que era um pouco a experiência que se dizia que dava certo. Paulo Freire criticava muito as cartilhas. Então, quando ele usa outro material, ele rejeita a cartilha como coisa dada, como coisa autoritária. Mas, ele rejeita as cartilhas de alfabetização de adultos, principalmente por ser um material ruim. O grupo do MCP, que trabalha com as escolas radiofônicas, abandona o projeto de escolas radiofônicas e começa a fazer escolas do tipo supletivo e sente a necessidade de ter um livro de leitura próprio. Não uma cartilha, mas um livro de leitura.

Instalamos as escolas radiofônicas. Montamos, a partir dos quadros de JUC, JEC e de JOC, boas equipes no Brasil inteiro. A proposta do MEB, no começo quase se reduziu à alfabetização, com algumas expressões de cultura popular. Trabalhamos por dois anos assim e então "viramos o balde". É um momento que vamos descobrir algumas coisas. Não aceitamos mais a proposta de mera alfabetização pelo rádio, já estávamos envolvidos com discussões de conscientização, que ainda não tinha vindo com Paulo Freire e, então, fizemos um grande encontro em Recife, depois de um ano e meio de experiência. Esse grande encontro em Recife era para passar a limpo como é que nós trabalhávamos. O "passar a limpo" foi o "virar do avesso".

A essas alturas, já estávamos antenados com Paulo Freire, com CPCs, já estávamos antenados com tudo de novo. Estávamos inventando coisas. Se ouvíssemos falar que Paulo Freire estava fazendo uma experiência em Angicos, não nos preocupávamos em saber onde era, viajávamos uma noite inteira, debaixo de chuva para ver a experiência de Paulo Freire. Era um grande desejo de mudar o Brasil.

9. Educação Própria dos povos indígenas, educação quilombola e outras mais

Algo semelhante começa a acontecer agora com a "educação indígena", que os índios começam a reclama como teorias, propostas e prática deles, com eles e sobre eles, mais do que algo "nosso" e "para eles. A "educación própria" dos povos indígenas do Cauca, na Colômbia é apenas um exemplo. A Pedagogia Caracol dos maias-zapatistas, um outro. Algo semelhante ao que começa a acontecer com as comunidades quilombolas. E, mais ainda, com a proposta atual e alternativa de uma "educação do campo", que ideológica e

pedagogicamente se opõe ponto por ponto a uma "educação rural" de origem "pública e oficialmente governamental.

Cursos de *Pedagogia da Terra* e de *Educação do Campo que* enlaçam movimentos e comunidades camponesas com algumas unidades do "mundo universitário" são outros indicadores de variações de rumos e de tendências.

10. Pedagogia do Oprimido antes da Pedagogia do Oprimido

Acho que já escrevi ou talvez tenha mesmo publicado isto em outro lugar. Escrevo de novo.

Depois de haver escrito *Educação e atualidade Brasileira* (1959), *Educação como prática da liberdade* (1967), antes do exílio, e *Extensão ou comunicação?* (1960), já no exílio, teria Paulo Freire levado na mala algumas páginas escritas a mão do que viria a ser *Pedagogia do Oprimido?* Se não na mala pelo menos na mente sim, imagino.

Uma observação interessante acompanha a *Apresentação* da edição fac-símile de *Pedagogia do Oprimido*, assinada por Jason Ferreira Mafra, José Eustáquio Romão e Moacir Gadotti, datada da "Primavera de 2013". Estamos entre primaveras!

> *Nos originais não foram encontrados, nem o título do livro, nem títulos de seus quatro capítulos, coincidindo com o que aconteceu com as edições brasileiras, até a 17ª edição (1987), revista pelo próprio Freire. Nelas, só apareciam, no início de cada um de seus capítulos, os temas destacados por ele. No capítulo três só aparecia o numeral romano "III"*[3].

Recebi de Inês Areco, uma estudante de um de meus minicursos na Faculdade de Educação da Universidad Nacional de Lujan, na Argentina, a cópia-xerox de um documento que muito me impressionou. Era a cópia fiel da publicação do número especial – *Suplemento* – da revista *Cristianismo y Sociedad,* editada por *Iglesia y Sociedad en América Latina.* Em uma "edição especial, fora de seriação", com este subtítulo na capa: *Contribución al processo de concientización en América Latina*, uma "nota explicativa", assinada por uma *Junta Latinoamericana de Iglesia y Sociedad en América Latina,* advertia o seguinte:

> *El material que presentamos en las páginas que siguen es de carácter provisorio y complementario. ...*
> *Los lectores advertirán que se trata más que nada de Apuntes y que los autores de los respectivos trabajos, así como las entidades que autorizaron la publicación de los mismos se reservan todos los derechos de su redacción y de su publicación definitiva. ...*

---

[3] *Pedagogia do oprimido (o manuscrito)* – páginas 04 e 05.

> *Este documento es para uso interno – en términos absolutos – no pudiendo ser reproducido ni siquiera en parte, sin expresa autorización de los autores*[4].

Eis a reprodução fiel dos artigos constantes do *Suplemento de Cristianismo y Sociedad*.

Paulo Freire
La alfabetización de adultos – crítica de su visión ingenua – comprensión de su visión crítica (páginas 7 a 16).

Paulo Freire
La concepción "bancaria" de la educación y de la deshumanización – la concepción problematizadora de la educación y la humanización (17-25).

Paulo Freire
Investigación y metodología de la investigación del "tema generador" (27-52).

Paulo Freire
A propósito del tema generador y del universo temático (53-72).

Paulo Freire
Relación bibliográfica – consideraciones críticas en torno del acto de estudiar (73-85).

José Luís Fiori
Dialéctica y libertad: dos dimensiones de la investigación temática (87-93).

Ernani Maria Fiori
Aprender a decir su palabra – el método de alfabetización del profesor Paulo Freire (95-103).

Não possuo mais dados a respeito, e nem uma documentação complementar que ajude a esclarecer o que aconteceu em 1968 ("o ano que não acabou"), entre o Chile e o Uruguai. Por tudo o que conheço e leio, imagino que os capítulos de Paulo Freire inseridos na revista serão no todo ou em parte, versões provisórias ou definitivas do que veio a ser *Pedagogia do Oprimido*.

Lembro que anos mais tarde *Cristianismo y Sociedad* repetiu a dose. Na edição de 1972, 1ª entrega, ano X, nros. 29 – 30, publicou entre as páginas 5 e 38, o artigo: *Concientización y Educación Popular,* assinado como um "Trabajo de Equipo", e que pouco depois veio a ser um capítulo de *Educación Popular y*

---

[4] *Cristianismo y Sociedad – suplemento*, ISAL, 1968, nota explicativa.

processo de concientización, assinado por Júlio Barreiro e publicado em 1974 pela Editorial Siglo XXI, em Buenos Aires.

Na realidade, um escrito meu de 1969, clandestinamente mimeografado e espalhado pelo Peru, por um grupo de Ediciones Liberación.

11. *O "menino conectivo"*

Há um certo engano quando se aborda Paulo Freire em si-mesmo e sozinho. Paulo gostava de se apresentar como "um menino conectivo". Desde suas primeiras experiências no SESI do Recife e, depois, no Serviço de Extensão Comunitária da Universidade do Recife. E mais tarde ainda, nos anos de exílio no Chile, junto a uma equipe vinculada a trabalhos com cooperativas de camponeses. E já no exílio em Genebra e na África, quando criam com outras pessoas exiladas o *IDAC;* e ainda na volta ao Brasil criando o *CEDES* na *UNICAMP,* vinculando-se ao MOVA em São Paulo, trabalhando ativamente entre equipes no Instituto Paulo Freire, e também com e entre equipes na PUC de São Paulo, ele viveu e agiu sempre no interior e através de equipes e sempre disponível para estar presente junto a movimento sociais.

Entre poetas como Thiago de Melo, filósofos como Ernani Maria Fiori, teatrólogos como Augusto Boal, cientistas sociais, como Francisco Wefford e militantes polivalentes como Marcos Arruda, Paulo sempre pensou e agiu "ao lado de", e "junto com"... em e entre equipes.

Quando em duas ocasiões solicitei a ele algum escrito para um livro-coletânea, ele se prontificou de imediato, e chegou a dizer que preferia as coetâneas e os livro derivados de entrevistas, mais do que os "livros-solo". Ver: *A questão política da educação popular; O educador – vida e morte; Pesquisa Participante.*

12. *Um educador militante e enraizado*

Ao lado de ser um homem-de-equipes, Paulo Freire foi sempre um homem enraizado. Ele compartia as suas práticas com as pessoas concretas com quem estava e com quem se envolvia e se comprometia concretamente. Evitava o estilo acadêmico de "situar-se nas alturas", e pretender "escrever para o mundo". Chegou a declarar que se não fosse a sua "estada no Chile", depois do Nordeste do Brasil, ele não teria escrito o *Pedagogia do Oprimido*.

Quando no Chile e entre camponeses cooperativados Paulo escreve *Extensão ou comunicação*, para eles. Quando no exílio e trabalhando junto a ex-colônias de Portugal, envolve-se intensamente com seus educadores, e escreve com eles e para eles: Cartas a Guiné-Bissau, *cartas aos alfabetizadores de São Tomé* e ainda outros artigos de destinação direta. Quando retornou ao Brasil dedicou-se a escrever diretamente para "professoras do chão da escola" e para educadores populares ou assessores de movimentos populares.

Até onde me lembro de seus atos e de nossas conversas, testemunho que ele evitou escrever "artigos de alto nível" para "revistas acadêmicas especializadas". Criamos juntos o CEDES, que antes de sua excelente revista, *Educação e Sociedade*, publicou alguns humildes quase artesanais "Cadernos do CEDES". Tenho um artigo sobre a educação popular em um dos primeiros.

13. Paulo Freire era cristão? E marxista, ele era?

Em 1978 em Genebra Paulo Freire dialogou longamente com Lilia Chiappini Moraes Leite, da Universidade de São Paulo. O "encontro com Paulo Freire" foi publicado entre as páginas 47 e 75 da revista *Educação e Sociedade nº 3, de 1979*. Transcrevo aqui toda a parte final da entrevista pelo que ela contém de pessoalmente revelador.

> *L. (Lígia) – No fundo eu quero te perguntar até que ponto hoje você é mais marxista do que era na época de Pedagogia do Oprimido.*
> *P. (Paulo)*
> *...*
> *- Talvez eu pudesse dizer, repetir o que tenho dito em certas entrevistas, que eu acho que expressa bem a minha experiência; é o seguinte: indiscutivelmente eu fui, na minha juventude, ao camponês e ao operário da minha cidade, movido pela minha opção cristã. Que eu não renego. Chegando lá, a dramaticidade existencial dos homens e mulheres com quem eu comecei a di'alogar me remete a Marx. É como se os camponeses e os operários me tivessem dito: "Olha, Paulo. Vem cá, você conhece Marx? " Eu fui a Marx por isso. E, indo a Marx, eu começo a me surpreender com alegria, por ter encontrado Marx entre camponeses e operários. Quer dizer, certo tipo de análise, como aquela do meu pedagogo que eu citei no começo (da entrevista – CRB), em que ele me chamava a atenção para as coisas materiais em que a sua consciência se formava e se reformava... comecei a ver uma certa racionalidade original do pensamento marxista lá na área camponesa, de analfabetos. Então comecei a ver: puxa, esse cara é sério!*
> *Não quero dizer que eu hoje sou um "expert" em Marx, ou que eu sou marxista. Por uma questão até de humildade. Eu acho que é muito sério alguém ser marxista. É preferível dizer que eu estou tentando tornar-me. E a mesma coisa em relação à minha opção cristã. Eu sou um homem em procura de tornar-me um cristão.*

Seus vínculos como pessoas, coletivos e movimentos de militância católica e, depois, cristã-ecumênica, são constantes e relevantes.

Eis um depoimento de Alfonso Torres Carrillo a respeito, em um momento de seu livro *Educación Popular – trayectória y actualidad*.

Na verdade, ela partiu mais dos próprios "movimentos cristãos", que cedo acolheram as ideias e propostas pedagógicas de Paulo Freire, e foram as entidades que publicaram em primeiro lugar os seus livros, a começar por

Pedagogia do Oprimido, e que mais tarde incorporaram Paulo ao seu quadro de profissionais, primeiro entre protestantes, no Conselho Mundial das Igrejas, em Genebra e durante o exílio. Depois entre católicos, como professor da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, onde até hoje existe uma "Cátedra Paulo Freire".

Eis a passagem de Alfonso Torres, em tradução minha.

> *A militância cristã de Freire e o carácter humanista de sua proposta fez com que sua proposta tivesse acolhida dentro da Igreja; primeiro o MEB do Brasil (o Movimento de Educação de Base, ao qual pertenci – CRB) assume a sua metodologia e posteriormente a Conferência Episcopal de Medellín (1968); deste modo os fundamentos e a metodologia de Freire influem naquilo que posteriormente seria a Teologia da Libertação. Muitos religiosos e cristãos comprometidos com os pobres veriam na Educação Conscientizadora a metodologia mais coerente com as ações pastorais e educativas*[5].

O mais amplo consistente e criativo movimento de alfabetização de adultos no Brasil, o *Movimento de Educação de Bas*e, tornou-se progressimente "freireano". Em um dado momento, já nas vésperas do Golpe Militar no País, a *Equipe do MEB-Goiás* adaptou o "Método de Alfabetização Paulo Freire" para uso em escolas radiofônicas. Pelo menos um dos integrantes de sua "equipe pioneira" era confessadamente cristão. E creio que não seria o único.

Vimos que foi o movimento *Iglesia y Sociedad en América Latin*a quem pela primeira vez publicou – antes do livro – capítulos inéditos do que veio a ser *Pedagogia do Oprimido*.

Seus escritos e livros são de imediato lidos e tomados como fundamentos de ações pedagógicas emancipadores por militantes cristãos, mais do que entre os militantes marxistas. Embora aqui e ali empregue a palavra "dialético", os fundamentos de sua pedagogia são vocacionalmente "dialógicos". Paulo foi a vida inteira contrário a ações de um "educador único", mesmo que seus fundamentos de crítica social e de ação política fossem os mais acertados e assertivos. Ele não acreditava também, como de resto Orlando Fals-Borda, em uma ciência da natureza e, mais ainda, em uma ciência social pré-estabelecida a ser transformada em um ensino excludente de outras alternativas de pensamento e ação.

Quando parte para o exílio é o *Conselho Mundial das Igrejas* quem acolheu em Genebra. E foi através dele e do IDAC, que ele criou com outros exilados brasileiros, que Paulo Freire desenvolveu o seu trabalho essencial como educador, sobretudo junto a ex-colônias portuguesas na África.

---

[5] Está na página 28 de *Educación popular – trayectoria y actualidad.*

14. *Da Ação Católica e dos "Curas por el Socialismo" até a Teologia da Libertação*

Desde o final dos "anos cinquenta" integrantes de movimentos de origem e vocação cristã vertente cristã, envolvendo sacerdotes católicos e militantes leigos, sobretudo os da *Ação Católica,* mesclam com crescente frequência leituras e posturas vindas de Emmanuel Mounier e Pierre Teilhard de Chardin, com escritos de Carlos Marx e Mao Tse Tung.

No ano de 1972 realizou-se em Santiago do Chile um *Primer Congreso Latino-Americano de Cristianos por el Socialismo*. No Brasil, desde o começo dos anos sessenta estudantes e outros militantes cristãos e militantes comunistas firmaram um acordo de "frente única", e colaboraram intensamente, antes e depois da ditadura militar.

Em 1962 um "Manifesto do Diretório Acadêmico da Pontifícia Universidade Católica" foi denunciado como um "documento socialista" por setores de centro-direita da hierarquia católica. Dois meses antes do golpe militar de 1º de abril de 1964, um livro de alfabetização do *Movimento de Educação de Base* foi aprendido pela polícia ainda na gráfica. Logo após o golpe militar, militantes cristãos, tanto quanto militantes marxistas, foram de imediato perseguidos, presos, exilados, torturados e, em casos extremos, mortos.

Do ponto de vista protestante, a vinda de Richard Shaull, um missionário presbiteriano norte-americano que atravessa alguns países da América Latina e vive no Brasil de 1952 a 1962, a partir de suas ações e pregações provocou um início de envolvimento social e político entre leigos evangélicos, pastores e teólogos, tal como ele já era partilhado desde anos antes por uma "militância católica", entre leigos, padres, freiras e alguns bispos. Shaull impulsionou uma aproximação ecumênica entre protestantes (sobretudo presbiterianos) e a "esquerda católica", de que resultou, entre outros efeitos, a criação de um movimento continental e ecumênico: *Iglesia y Sociedad en América Latina*.

15. Dialógico? Dialético? Dialógico-Dialético? Ou Dialético-Dialógico?

Eis uma questão deligada que evitávamos colocar tanto em rodadas de mesa de bar quanto em encontros político-pedagógicos.

Aqui e ali Paulo Freire – e nós também – empregava a palavra: "dialética". Lembro que antes de Marx esta é uma palavra cara e fundadora em Hegel. E o será entre os pensadores da Grécia Clássica. Assim como bem depois de Marx será um termo científico central na sociologia de Peter Berger e Thomas Luckmann, sobre tudo em *A construção social da realidade*, um livro muito difundido entre pessoas da educação e que utilizei muito em Educação Popular e conscientização.

A proposta de uma "educação dialógica" em Paulo Freire me parece levada a um extremo. Praticada entre sujeitos diferentes entre seus saberes, sensações,

sentidos, significados e sociabilidades, mas de modo algum desiguais, é a própria diferença negadora da desigualdade "em" e "entre" quem ensina-aprendendo e aprende-ensinando, que o diálogo é possível.

Em um ponto freireanamente extremo, é próprio de uma pedagogia dialógica a criação "do novo". Um co-saber criado em termos, ele também de um "inédito viável". E criador de um entre-nós em que nenhuma possibilidade de a-posição ou de im-posição de meus saberes sobre o outros e os seus saberes, é pedagogicamente aceitável.

Assim, tanto na radicalidade da educação popular originalmente freireana quanto nas alternativas igualmente radicais da investigação-ação-participante, uma pura e simples transferência de meu-saber para o seu não-saber é inviável – isto é, é o oposto do viável-inédito.

Assim, e, Paulo Freire existem duas impossibilidades que política e pedagogicamente o afastavam de uma educação de origem marxista, pelo menos em suas expressões mais ortodoxas;

Primeira, a real impossibilidade de uma ciência-já-constituída e pedagogicamente constituinte, a ser transmitida, transferia a que aprende. Segunda, a inviabilidade de um "educador do povo" também pré-constituído, seja ele a pessoa de um professor-que-professa individualmente, seja ele "o Partido".

Quem leia com atenção os escritos de Paulo Freire verá que até mesmo uma programação antecipada de aulas e de cursos é algo estranho, ou é uma prática extremamente não-impositiva e maleável. Tanto em algumas de suas aulas assistidas por mim na UNICAMP como nas ocasiões em que estivemos juntos em alguma mesa-redonda, no Brasil e na América Latina, observei que mesmo quando antecipadamente ele estudava, nunca, no entanto, "preparava" de antemão algo a ser lido ou ensinado.

Em atitudes pedagógico-pessoais que a meu ver o aproximavam muito do "ensino centrado no aluno", de Carlo Rogers (que acredito que ele nunca leu), a temática crítica de cada aula "nascia" de um pré-diálogo de que se originava o que seria tratado a seguir.

Lembro-me que a meu lado, na sua célebre "palestra" diante de cerca de três mil educadores da Argentina, no lotado Teatro San Martin, em janeiro de 1985, sentado ao meu lado, antes de chegar a sua vez de falar, usando uma pequenina folha de papel, Paulo foi escrevendo, uma sob a outra, dez palavras. Quando lhe foi dada a palavra ele – após falar longamente de "saudades de Buenos Aires e de seu afeto pelo tango -–anunciou que iria propor ali não propriamente um decálogo, mas o que ele considerava "dez princípios do professor crítico-criativo". Falou durante hora e meia descendo da primeira palavra rabiscada até a última.

Esta fala de Paulo foi editada em versão muito limitada pelo CEAAL, em uma pequena publicação com este nome: "Paulo Freire em Buenos Aires". Erroneamente pensa-se que foi a fala dele na grande Assembleia Mundial de Educação de Adultos, patrocinada pela UNESCO e realizada em julho de 1985,

em Buenos Aires. Não foi. Foi a fala de improviso em janeiro, quando fomos a Buenos Aires por uns quatro dias, para preparar a participação do CEAAL na "Conferência", em julho.

Eu a incorporarei à série de memórias de: *A Pessoa de Paulo*.

Quem folhei com cuidado e leia com atenção alguns dos verbetes do excelente *Dicionário da Educação do Campo* – sob os auspícios do MST publicado pela Editora Expressão Popular - verá que um certo discreto véu recobre a educação popular e o nome de Paulo Freire. Ela é tratada apenas no verbete escrito por Conceição Paludo.

E uma educação do campo é proposta como uma assertiva e aguerrida atualização da educação popular, em termos bastante mais dialéticos do que dialógicos.

16. *A invenção da "conversa" como "pedagogia"*

Algo muito simples é muito esquecido é que em sua pedagogia emancipadora Paulo Freire não constitui como fundamento apenas "o diálogo". Ele torna simplesmente "a conversa" a didática essencial de seu sistema de educação. Isto mesmo! Ele toma o que em geral na escola é o mais proibido: "conversar com outra pessoa durante a aula", o fundamento de toda a sua pedagogia.

Assim, já nos primórdios do "Método de Alfabetização Paulo Freire", tudo começa com uma dupla conversa. Em um primeiro momento os futuros alfabetizando são convocados a saírem por entre as casas e outros espaços de sus comunidades para... conversarem. Para "puxarem conversa solta" com as pessoas de modo a depois voltarem com um pequeno arsenal pessoal do que depois, no coletivo, será o conjunto das "palavras geradoras" do trabalho da alfabetização.

Depois, antes do início do desdobramento de tais palavras, colocados em um "círculo de cultura" e diante de imagens projetadas, os alfabetizando são convidados a ver o que veem e a conversar sobre o que viram.

E de então em diante, todo o acontecer do Método Paulo Freire em seus primórdios, desdobrava-se através de fios de conversas diante da construção de palavras.

Lembremos que quando podia, sobretudo ao redor de uma "mesa de bar" (uma das origens do "círculo de cultura", Paulo Freire era um inveterado conversador. E um conversador de mão dupla. Um excelente "ouvidor" (pedagogia da escuta) e um desmesurado "falador". Se o assunto era "O Nordeste" a sua fala era profundamente afetiva e podia ser... sem fim.

17. alguns fundamentos do passado, vigentes e ativos hoje

Existem pontos de fundamento da educação popular de vocação freireana? Penso que elas poderiam ser resumidas assim:

* Somos, como seres humanos, inevitavelmente inacabáveis e imperfeitos. Mas somos também permanente e crescentemente aperfeiçoáveis e "acabáveis". Somos seres destinados a "aprender a saber"; e a saber não apenas para acumular conhecimentos (a visão da "educação bancária" que Paulo Freire criticará fortemente), mas para progressivamente vivermos um crescendo de conhecimento transformado em consciência. E consciência transformada em projetos de vida e em ações sociais de vocação libertadora, emancipadora, decolonizadora. Humanizadora, enfim.

* Cada *pessoa* é uma fonte original e única de uma forma própria de saber. Assim sendo, qualquer que seja a qualidade deste saber, ele possui um valor único em-si-mesmo, por realizar a representação de uma experiência individual de vida e de partilha na vida social.

* Assim também cada *cultura* representa um modo de vida e uma forma original e autêntica de ser, de viver, de sentir e de pensar de uma ou de várias comunidades sociais. Cada cultura só se explica de seu interior para fora, e os seus componentes "vividos-e-pensados" devem ser o fundamento de qualquer programa de educação ou de transformação social. Tal como pessoas em sua individualidade, culturas são diferentes, mas nunca desiguais. E é a sua diferenciada existência o que permite o diálogo.

* Ninguém educa ninguém, mas também ninguém se educa sozinho, embora pessoas possam aprender e se instruir em algo por conta própria. Na qualidade de seres humanos, as pessoas educam-se umas às outras, e mutuamente se ensinam-e-aprendem através de um diálogo mediatizado por mundos de vivência e de cultura entre seres humanos, grupos e comunidades de vida e de destino.

* Alfabetizar-se, educar-se (e nunca: "ser alfabetizado" ou "ser educado") significam algo mais do que apenas aprender a ler palavras e desenvolver certas habilidades instrumentais. Significam aprender a ler crítica e criativamente "o seu próprio mundo". Significam aprender, a partir de um *processo dialógico* em que importa mais o próprio acontecer partilhado e participativo do processo, do que os conteúdos com que se trabalha a:

Tomar *consciência de si-mesmo* (quem de fato e de verdade sou eu, e qual o valor de ser-quem-sou?);

Tomar *consciência do outro* (quem são os outros com quem convivo e partilho a vida? em que situações e posições nós nos relacionamos? e o eu isto significa?);

Tomar *consciência do mundo* (o que é o mundo em que vivo? Como ele foi e segue sendo socialmente construído para haver-se tornado assim como é agora? O que nós podemos e devemos fazer para transformá-lo).

18. A Fábula de Rubem e de Paulo

Imagino que entre pessoas próximas de Rubem Alves ou de Paulo Freire (ou de um e do outro, como no meu caso) algumas conhecerão algo do que vou narrar. No entanto, como ao longo de décadas nunca vi isto dito ou escrito, acredito que valha a pena recordar. Nem que seja como um depoimento a respeito de algo que à distância aproximou, sem ainda se conhecerem pessoalmente, as duas pessoas de que falo aqui.

No começo dos "anos sessenta" Paulo Freire, junto com a sua pioneira "equipe nordestina" trabalhava no *Serviço de Extensão Comunitária* da então *Universidade do Recife*. Em outros escritos meus comentei longamente o que eles fizeram e criaram[6]. Haviam acabado de criar não apenas o "Método Paulo Freire de Alfabetização de Adultos". Haviam criado todo um "Sistema Paulo Freire de Educação", que ousadamente imaginava uma "universidade popular" em seus patamares mais elevados.

Depois dos resultados promissores da aplicação de seu "método" em Angicos, nos sertões do Rio Grande do Norte, o Ministério da Educação programou uma grande investida de alfabetização de massa no Brasil, sob coordenação de Paulo e de sua equipe.

O golpe militar de abril de 1964 frustrou esta e algumas outras iniciativas pedagógicas de vocação popular. Paulo foi detido, levado à delegacia, interrogado e posto sob suspeita. E pouco depois Paulo iniciava com a família um exílio que os deixaria fora do Brasil por 13 anos.

Primeiro viveram no Chile, onde ele escreveu ou ultimou livros, e onde trabalhou junto a cooperativas de pequenos produtores rurais. No Chile ele concluiria a mão o seu livro *Pedagogia do Oprimido*.

E aqui algo nesta fabula da história o aproxima de Rubem Alves.

Deixando com a família o Chile, Paulo passou pela Bolívia, estagiou nos EUA e deixou lá uma cópia de seu livro. Escrito inicialmente desde o Brasil, e

---

[6] Indico especialmente um artigo não sei se já publicado: *Paulo Freire – cultura, educação e universidade*. Mas os quatro primeiros artigos de Paulo e sua equipe podem ser encontrados na íntegra no essencial livro-coletânea organizado por Osmar Fávero: *Cultura e Educação Popular – memória dos anos sessenta*. Foi publicado em 1983 pela Edições GRAAL e é até hoje um livro atual

destinado com prioridade à América Latina, *Pedagogia do Oprimido* foi publicado inicialmente em Inglês (The Seabury Press, em 1970); depois em Espanhol (Editora Tierra Nueva, em 1970); a seguir em Italiano (Editora Arnoldo Mondadori, 1971); depois em Alemão (Editora Kreutz-Verlag, 1971); a seguir em Francês (Editora Maspero, 1974), e somente um ano depois em Português (Editora Paz e Terra, 1975).

As edições impressas buscaram ser fiéis ao original escrito a mão, e a uma possível versão depois datilografada. No entanto, todas omitiram algumas passagens mais radicais e, entre elas, dois pequenos esquemas desenhados a mão (Paulo era mau desenhista). Um deles sobre a "Teoria da Ação Opressora" e, o outro, sobre a "Teoria da Ação Revolucionária). No *Pedagogia do Oprimido – o manuscrito*, editado no Brasil pelo Instituto Paulo Freire e a UNINOVE, de São Paulo, o original a mão está na página 322. E a versão impressa na página seguinte[7].

Ao longo dos mesmos anos, Rubem Alves estava vivendo situações e experiências não muito distantes das vividas por Paulo Freire. Concluídos os seus estudos no Seminário Presbiteriano de Campinas, ele iniciou uma vida de pastor e professor em Lavras, em Minas Gerais, provavelmente não muito longe de sua nunca esquecida cidade natal: Dores de Boa Esperança (hoje sem as "Dores").

Em 1964 ele viajou sozinho para os EUA, e lá realizou os seus estudos e elaborou a sua dissertação de mestrado em teologia. Em um jornal americano ele leu ao acaso notícias sobre o "golpe militar no Brasil". E retornou então a um País já então submetido a uma ditadura militar.

De volta a Lavras, e já um praticante e pensador do que viria a ser a Teologia da Libertação, não é muito conhecido o fato de que no ano de 1966 Rubem Alves e um outro percursor da Teologia da Libertação, Gustavo Gutierrez, encontraram-se em uma cidade da Suíça, em um grande colóquio a respeito da conjuntura mundial e do papel das igrejas cristãs. Os dois foram os representantes convidados desde América Latina. Anos mais tarde, em um inverno de 1989 tocará a mim encontrar-me com o mesmo Gustavo Gutierrez, no Saint Edmund's College, ao qual solenemente nos afiliamos, quando estivemos na Universidade de Cambridge.

No Brasil dos "anos sessenta" Rubem Alves foi admoestado e, depois, denunciado, provavelmente por integrantes eclesiásticos de sua própria igreja. A conselho de amigos e com uma bolsa oferecida por uma entidade também presbiteriana ele partiu, agora com a família, para os EUA. Durante quatro anos realizou os seus estudos de doutorado em teologia, junto à Universidade de Princeton, em Nova Jersey.

---

3. A edição original do manuscrito do *Pedagogia do Oprimido* é de 2013. Saiu a seguir uma nova em 2018, tendo ao lado das páginas originais, uma com o mesmo texto impresso, dada a dificuldade em compreender toda a escrita manual de Paulo Freire. Por resolução da família de Paulo, o "manuscrito" não foi publicado comercialmente, e não foi colocado à venda, mas distribuído gratuitamente a escola, bibliotecas e outros centros de estudos.

Em 1969, um ano antes da primeira edição em inglês de *Pedagogia do Oprimido*, sua tese saiu publicada nos Estados Unidos[8]. O nome original dela em Português é: *Por uma Teologia da Libertação*. Por insistência dos editores seu inovador e mesmo revolucionário trabalho foi publicado com este título, quando traduzido para o Português: *Uma teologia da esperança humana*.

Muitos anos mais tarde a Editora Siano, de Juiz de Fora, republicou o livro de Rubem Alves, agora com o seu nome original: *Por uma Teologia da Libertação*.

Leio agora, no final de 2020, os dois livros ao mesmo tempo. Observo que entre as primeiras páginas Rubem Alves mais de uma vez lembra Paulo Freire, e transcreve citações de seu livro *A educação como prática da liberdade*. Será uma das primeiras vezes em que um livro de teologia originalmente escrito em Inglês cita um livro de pedagogia. E de uma pedagogia nada convencional, sobretudo ao gosto norte-americano.

Há extraordinários pontos de convergência entre os dois livros, e imagino o quanto Paulo Freire teria para fecundar ainda mais *Pedagogia do Oprimido*, se houve podido ler *Por uma Teologia da Libertação*. Isto sobretudo porque entre Rubem e Paulo existe uma extorsionária convergência a respeito da difícil questão da fundamentação da ideia de "humanismo", e do que ela desafia pensar e agir. Humanismo e suas derivadas são palavras preciosas e absolutamente frequentes em Paulo, assim como em Rubem. (Atenção candidatas/os a pós-graduação: excelente tema para uma boa tese!)

Paulo, ao longo de todo o seu livro tratará de fundar uma aguerrida e amorosa pedagogia, cuja missão é gerar mulheres e homens capazes de se conscientizarem o bastante para se unirem e se libertarem, não do opressor, mas da conjuntura histórica e da estrutura sociocultural que submete ao mesmo tempo "oprimidos-e-opressores". E que, uma vez superada deveria – em termos bastante próximos da teologia da libertação – libertar ao mesmo tempo o oprimido e o opressor, a partir da criação coletiva de uma "síntese cultural" libertadora e superadora da "invasão cultural" dominante, em nome de um sujeito: "o ser humano"; através de um processo revolucionário, amorosamente "humanizador"; em direção a um "humanismo" que em vários escritos (e sucessivas falas) Paulo reclamará como algo distante de suas raízes europeias, e bastante mais vocacionado a transformar a dimensão humana do mundo, do que preocupado academicamente em pensá-la.

---

4. Eis uma outra pequena "história esquecida" dos "anos sessenta". Paulo no exílio foi durante anos acolhido pela sede central do *Conselho Mundial das Igrejas*, uma instituição protestante. Uma revista protestante-ecumênica de *ISAL – Iglesia y Sociedad en América Latina* publicou em Espanhol, em 1969, antes da edição de *Pedagogia do Oprimido* sair como um livro, os seus capítulos, como artigos sequentes em um "suplemento" de *Cristianismo y Sociedad*, a revista de ISAL. Assim, na verdade, de algum modo *Pedagogia do Oprimido* foi publicado em Espanhol, antes de sair como um livro em Inglês. Finalmente, Orlando Fals-Borda, o sociólogo colombiano que também em meados dos anos sessenta lançou a proposta de uma "sociologia de la liberación", e assentou os fundamentos da versão sociológica do que veio a ser a investigação-ação-participante, foi igualmente uma pessoa de origem protestante-presbiteriana. E também com uma bolsa de sua igreja ele realizou estudos de sociologia nos EUA. Estranhas coincidências e preciosas estórias convergentes que a nossa crítica memória social e política... esqueceu.

A este "humanismo" Rubem Alves acrescentará o qualificador "político", ao longo de seu livro. E esta categoria fundadora e recorrente ao longo de *Por uma Teologia da Libertação*, estará por igual presente em *Pedagoga do Oprimido*. Apenas as duas palavras: "humanismo" e "político" aparecerão nele... separadas.

Estranho o destino dos livros. *Pedagogia do Oprimido* merecidamente tornou-se um livro ícone em praticamente todo o mundo. Ao ver de algumas pessoas, ele um dos dez livros mais essenciais do século XX. Conheceu mais de 40 traduções, e segue sendo um dos livros mais lidos, comentados e controvertidos. E não apenas em Faculdades de Educação. Por outro lado, republicado tardiamente, e muito pouco conhecido fora do círculo de pessoas estreitamente vinculadas ao exercício da teologia, *Por uma Teologia da Libertação* somente agora recebeu uma nova e merecida reedição.

Recomendo fortemente a leitura dos dois livros alternadamente.

Em 1980 Paulo retornou de seu exílio. Ele de imediato foi contratado como professor da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (um dos mais fortes e persistentes polos de resistência ao regime militar). E foi proposto como professor titular da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, onde Rubem Alves já trabalhava, vindo do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (e onde permaneço até hoje como "professor colaborador").

No Conselho Universitário da UNICAMP a sua contratação como "professor-titular MS6" foi contestada. Afinal, Paulo nunca havia "feito doutorado". Foi então pedido a Rubem que se manifestasse por escrito. Rubem escreveu um célebre parecer, que mais tarde Ana Maria Freire acrescentou à sua biografia de Paulo.

Nele Rubem afirmava que não se tratava de a UNICAMP questionar se Paulo Freire poderia ser contratado como "professor-titular". A seu ver caberia a Paulo Freire interrogar se a UNICAMP seria de fato digna de acolher como "professor-titular" um educador como Paulo Freire.

Ele foi acolhido como "titular".

E desde então até a partida de Rubem e de Paulo fomos colegas, amigos e companheiros ao longo de vários, fecundos e felizes anos "pós-ditadura militar".

Sobrei eu, que em nome de Rubem e de Paulo, escrevi isto.

19. Ser como os outros, entre outros

A pessoa de Paulo Freire sempre me impressionou muito; mais até mesmo do que os seus escritos.

Paulo sempre foi um homem de uma extrema simplicidade. Nada nele havia que lembrasse enfatuados acadêmicos que cedo se "estrelam" e depressa se apagam.

Quem percorra a sua trajetória verá que de 1960 no Recife, até dois dias antes de sua partida, ele "estava junto a". Ele mesmo gostava de lembrar de si-mesmo como um menino-conectivo. Sua vida era "em equipe" e o "círculo de cultura" é apenas uma arquitetura algo aumentada pedagogicamente do como ele gostava de viver. Sempre foi um adepto de calorosas "mesas de bar".

Lembro-me especialmente dos dias de Manágua, na Nicarágua, creio que em 1982, 9u 83. Estávamos lá em um grande "Encontro Internacional de apoio à Revolução Sandinista". Eu editei um livro coletivo sobre ela: *Lições da Nicarágua, a experiência da esperança*.

As condições em Manágua eram muito precárias. Ficamos hospedados em um velho colégio de jesuítas, com algumas partes semi-destruidas. Precárias as condições de convivência, de dormida e até mesmo de alimentação.

Recebíamos no almoço e no jantar uma bandeja com uma igual e pequena quantidade de alimentos. Vi alguns participantes reclamando. Paulo, nunca.

Nos encontros e momentos de grandes e solenes falas – com várias autoridades locais presentes – Paulo fugia de se ver como "centro das atenções". Eu o vi seguidas vez mais ouvindo e anotando, do que falando e se colocando sob o foco de luzes.

Viajamos juntos na ida e na volta. Longas viagens com paradas no Panamá. Conversamos mais nos aeroportos do que nos aviões, tal o nosso cansaço.

Recordo que quando chegamos no aeroporto em Guarulhos, Madalena, a filha, foi buscar o pai. E eu aproveitei a carona.

Quando se encontraram, Paulo a abraçou demoradamente. Perguntou por Elza e por outras pessoas. Mas logo a seguir interrogou a filha:

"Madalena, e como anda a novela das oito?"

20. Os gestos largos, sempre

Paulo Freire foi um amoroso de estudos de "Gramatica da Língua Portuguesa", bem mais do que dos estudos de direito (que cedo ele abandona) e bem antes da vocação pela educação.

Ele falava como paraenses ou gaúchos, empregando o "tu" sempre, em lugar do carioca "você".

E em suas falas públicas era senhor de gestos largos, de vez em quando entusiasmados e exagerados.

Não resisto concluir este repertório de memórias com a imagem de uma folha do Jornal O Popular, de Goiânia. A imagem é uma cópia precária de um velho jornal. Não está muito clara, mas creio que dá para ver o que sugiro.

Depois de seu regresso do exílio, a sua primeira palestra pública foi na abertura de um grande congresso nacional de supervisões da educação.

Entre uma professora local, coordenadora da mesa, e eu, ele abre os braços como se fosse levantar voo. Às vezes ele quase levantava...

A presença de Paulo Freire (ao centro) foi intensamente aplaudida, dando uma nova dimensão ao encontro de supervisores

Paulo Freire fala em Goiânia e destaca o papel do educador

Em palestra proferida ontem no clube Anto-nio Ferreira Pacheco, em Goiânia, o professor Paulo Freire, da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, destacou que o educador é um poli-tico e um artista, não um técnico. Ele fez a afirma-tiva dirigindo-se aos participantes do 3º Encontro Nacional de Supervisores de Educação, que se realiza no período de 20 a 25 do corrente. Ao final da palestra, Paulo Freire foi longamente aplaudi-do.

Ontem, os participantes do simpósio aprova-ram duas notas de protesto: uma contra a implan-tação do Programa **Alfa** vendido aos órgãos edu-cacionais pela **Editora Abril** e outra contra o go-vernador do Paraná, Ney Braga, acusado de orde-nar que a polícia espancasse os professores em greve naquele Estado. Hoje, os professores Il-deu Moreira Coelho, da UFG, e Carlos Rodrigues Brandão, da Universidade de Campinas, aborda-rão os temas **O Educador como um Tipo Intelec-tual** e a **Questão Política do Trabalho Pedagógico**.

Página 13

Adendo

Dossiê sobre Pedagogia do Oprimido entrevista para a Revista Espaço Pedagógico

1- Contextualize seus vínculos pessoais e profissionais com Paulo Freire.

Fui colega de universidade, na UNICAMP, de duas pessoas notáveis de cuja amizade aprendi muito. E mais sobre a vida do que sobre teorias. Uma delas foi Rubem Alves, com quem convivi por mais de quarenta anos. O outro, Paulo Freire, com quem convivi desde o seu retorno ao Brasil até sua morte. A primeira viagem dele para uma conferência pública, após o seu retorno, foi em Goiânia, em 1989, e fomos e voltamos juntos.

Convivi com Paulo Freire na UNICAMP e fora dela, entre encontros, congressos e eventos semelhantes. Viajamos juntos, inclusive para fora do Brasil. Publiquei alguns artigos de Paulo em livros como: ***O educador vida e morte; A questão política da educação popular e Pesquisa participante.***

Desde a minha convivência com os dois - eles como docentes da Faculdade de Educação, eu como antropólogo e docente do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas - prefiro sempre dizer a quem busca contrapor um ao outro, que Rubem Alves é o "educador do gesto poético", enquanto Paulo Freire é o "educador do ato político". Como eu procuro viver e aplicar a poesia também

na pedagogia, dialoguei com felicidade com um e com o outro. Em uma ocasião fomos nós três na TV Cultura de São Paulo, e diante das câmaras dialogamos, sem ninguém nos interromper, durante três horas. Foi um momento memorável. A fita de vídeo em que nosso encontro foi gravado perdeu-se e nunca mais foi encontrada. Procurem!
E penso que no momento os educadores que mais fazem interagirem os dois são Marcos Arruda e Miguel Arroyo.

2-Como você avalia o contexto e o momento da elaboração da obra de Freire? Que nexos existiam entre a pedagogia de Freire e os movimentos de educação popular da época?

Há alguns fatos importantes, e alguns deles de algum modo andam meio esquecidos hoje em dia.
Primeiro: *Paulo e sua primeira equipe, no Nordeste elaboraram não um "método de alfabetização", mas todo um "Sistema Paulo Freire de Educação", que antecipava em 1960 uma "Universidade Popular". Ver os escritos de Paulo Freire, Jarbas Maciel, Jomard Muniz de Brito e Aurenice Cardoso, no indispensável livro coordenado por Osmar Fávero:* ***Cultura Popular e educação popular – memória dos anos sessenta.***
Segundo*: Eles trabalharam no Serviço de Extensão Comunitária da então Universidade do Recife durante um tempo imediatamente anterior ao golpe militar (1960/março 1964) envolvidos com a educação através de algo que nos unia e fazia convergir pessoas e grupos de diversas vocações: a "cultura popular".*
Paulo e sua equipe coordenam um Primeiro Encontro Brasileiro de Movimentos de Cultura Popular no Recife, em 1962. O próprio Movimento de Educação de Base (CNBB/MEC) em que trabalhei identificava-se como um dos MCPs.
Terceiro: *Em embrião ainda, todas as iniciativas emancipadoras reunidas nos MCPs e realizadas através dos Centros Populares de Cultura foram desarticuladas pelos militares. Inclusive a grande Campanha Nacional de Alfabetização que seria coordenada pelo Paulo.*
Quarto: *Paulo não empregava a expressão "educação popular". Mas escrevia: "Cultura Popular" desde* ***Pedagogia do Oprimido****. Um fato essencial e esquecido é que tomando como fundamento, as ideias geradoras de Paulo Freire tendo em* ***Pedagogia do Oprimido*** *um livro fundador, todo o movimento, primeiro brasileiro e depois plenamente latino-americano ao redor da educação popular "explode" e expande-se em toda a América Latina justamente no período em que Paulo está no exílio e escreve mais sobre e para a África do que para a América Latina. Toda uma geração de mulheres e de homens intensamente vinculados à educação popular partem do primeiro legado de Paulo Freire, e são mobilizados, encontram-se, escrevem, militam e, enfim, recriam a educação popular, inclusive nos países do Cono Sur sob ditadura: Brasil, Argentina, Chile e Uruguai.*
Quinto: *Ao longo de todo aquele difícil e muito fecundo período, sobretudo nos sessenta-setenta, é ilusório imaginar a educação popular freireana*

"explodindo" sozinha. Tendo surgido no bojo dos MCPs do Brasil dos anos sessenta ("a década que não acabou"), e seguindo ativa e insurgentemente crescente nos anos oitenta, somente se pode compreender em sua integridade "o que aconteceu com a educação popular", quando ela é colocada em uma sequência interativa de iniciativas e de movimentos sociais populares, e de assessoria direta a eles.
A educação popular desdobra-se na investigação ação-participativa, e mobiliza-se junto com os sindicatos rurais e, depois , de trabalhadores de fábricas. Ela desenvolve-se junto com uma fecunda releitura marxista latino-americana; com o teatro do oprimido; com a música, com a poesia e com outras artes de protesto; ela antecede a teologia da libertação e a política da libertação, assim como outras semelhantes propostas de ação, frentes e agremiações emancipadoras e descolonizadoras.
Para se ter uma ideia de tudo, quer recordar aqui um pequeno e significativo fato. Quando o ainda incipiente Partido dos Trabalhadores nos anos 80 é criado, foi solicitado a uma equipe que elaborasse um documento sobre a educação. A equipe responsável foi coordenada por Moacir Gadotti e incluiu Paulo Freire, Demerval Saviani (que não se reconhecia como um "educador popular freireano e iria criar a sua pedagogia histórico-crítica) e Carlos Brandão. Busquem um dos números dos velhos dos ***Cadernos do Trabalhador,*** *do PT.*
Sexto: *Diferente de Frei Betto, de Betinho, de tantas e tantos outros, quando nos apresentávamos então como "militantes cristãos", Paulo Freire nunca se assinou: "cristão ou "marxista". Há entrevistas dele em que ele comenta isto.*
Somente se pode entender o advento de tudo o que listei acima, quando se pensa que desde o começo dos anos sessenta nunca houve uma filosofia, uma ideologia ou um projeto político único, tomado e seguido como diretriz da educação popular e de tudo o que houve junto com ela e depois do advento dela. Tanto ela quanto tudo o mais surge de uma interação (mas não uma integração) entre pessoas e agremiações que chamarei aqui de "humanistas laicas" (Paulo Freire); de "humanistas cristão" (Frei Betto, eu, Leonardo Boff, Rubem Alves, eu); e de marxistas (entre várias tendências).

3-Você foi um dos principais divulgadores da obra de Freire na América Latina. Conte um pouco desta sua aventura pedagógica com a Pedagogia do Oprimido.

Penso que existem outros fatos pouco conhecidos e muito pouco lembrados sobre Paulo e o ***Pedagogia do Oprimido****.*
Paulo Freire escreveu e concluiu o ***Pedagogia do Oprimido*** *no exílio, entre a Bolívia, o Chile e os EUA. Escreveu todo o livro a mão, e em momento algum, repito, escreveu nele a expressão "educação popular". Ele falava de pedagogias ("do oprimido", "da esperança", "da autonomia", etc.). E falava de educações, que ele opunha à "bancária": "educação libertadora", "emancipadora", "problematizadora", "conscientizadora", etc.*

De acordo com uma exaustiva pesquisa sobre a educação popular na América Latina, realizada por Oscar Jara para a sua tese doutoral defendida na Universidade de Costa Rica, a primeira vez em que em termos mais atuais (anos sessenta-setenta) esta expressão aparece escrita com todas as letras em um livro, será em um livro meu, escrito entre o final dos sessenta e começos dos setenta. Foi quando em nome do movimento: ***Igreja e Sociedade na América Latina*** *eu saí viajando por países do continente, a partir de julho de 1969, difundindo ideias freireanas e o "Método de Alfabetização Paulo Freire".*

O livro que escrevi saiu inicialmente em Espanhol, e somente dez anos mais tarde em Português. Saiu pela Editora Siglo XXI, da Argentina. Por razões de minha segurança, em tempos de ditadura no Brasil, saiu com o nome de um teólogo uruguaio, Júlio Barreiro, já falecido. Ele se chama: ***Educación popular y proceso de concientización.*** *Há algum tempo atrás estava na 16ª edição, publicado agora na Espanha.*

Relembro que Paulo escreveu o seu livro fundador de tudo o que veio a acontecer depois, a mão. Ele o enviou por correio a Jaques Chonchol, no Chile, com uma humilde carta. Recentemente o ***Instituto Paulo Freire*** *e outras agremiações publicaram a versão fac-símile do manuscrito. Está em segunda edição e fora de comércio, por decisão da família.*

Na versão original há um esquema de Paulo. O único que ele desenhou. E um dos seus lados esquematiza e representa a "teoria da ação revolucionária". Os esquemas desenhados por ele nunca saíram nas edições impressas.

Lembro que desde outros países nos chegavam cópias mimeografadas do ***Pedagogia do Oprimido****. Elas eram lidas às escondidas por nós, e se tornaram a base de tudo o que veio a acontecer e começou a ser difundido entre nós, antes de serem reunidas em um livro.*

Penso que tudo o que veio a ser criado e partilhado depois, em todo o Continente, não teria existido sem as ideias germinais do ***Pedagogia do Oprimido*** *e do desdobramento das ideias de Paulo, a partir de seus outros escritos, inclusive.*

Vale a pena recordar que antes de sair como livro, o ***Pedagogia do Oprimido*** *saiu em grande parte desdobrado em artigos, na revista latino-americana* ***Cristianismo y Sociedad****, do ISAL. Procurem, é um documento histórico.*

4-Que concepções pedagógicas você considera centrais na Pedagogia do Oprimido?

Um dos pontos de convergência entre Paulo Freire e nós, militantes cristãos da Ação Católica, que antecede o movimento ecumênico militante (ISAL na América Latina e o Centro Ecumênico de Documentação e Informação – CEDI, e outros, no Brasil), assim como a teologia da libertação, é que nós partíamos de uma muito próxima "concepção dialógica" da comunicação humana, do processo da história, da ação política e da atuação pedagógica.

Os companheiros marxistas partiam de uma "concepção dialética", entre diferentes versões, de acordo com cada tendência (Tanto Althusser, quanto

Antônio Gramsci e Mao Tse Tung eram muito lidos e citados, inclusive por militantes cristãos). A própria ideia de "dialética", que nos vem da Grécia, e que depois do marxismo foi assumida, pensada e proposta por Paulo Freire, em direção a um distante horizonte de algum modo comum com o marxismo, inclusive a partir de uma proximidade no que tocava classes sociais e seus enfrentamentos no processo da história. No entanto, política e pedagogicamente ele buscava chegar a este horizonte por caminhos diferentes. Creio que sem descer a profundidades pedagógicas, podemos pensar que mais próximo a educadores e militantes cristãos-freireanos do que dos marxistas, suas ideias poderiam resumir-se assim:

> *Cada pessoa é uma fonte original e única de uma forma própria de saber, e qualquer que seja a qualidade deste saber ele possui um valor em-si, por representar uma experiência individual e irrepetível de uma vida e de sua partilha na vida social. Este é o fundamento humanista e mesmo ontológico do diálogo.*
>
> *Assim também cada cultura representa um modo de vida e uma forma original e autêntica de ser, de viver, de sentir e de pensar, de uma ou de várias comunidades sociais. Cada cultura só se explica desde o seu interior para fora, e os seus componentes "vividos-e-pensados" devem ser o fundamento de qualquer programa de educação ou de transformação social.*
>
> *Ninguém educa ninguém, mas também ninguém se educa sozinho, embora pessoas possam aprender e se instruir em algo por conta própria. As pessoas, como seres humanos, educam-se umas as outras e mutuamente se ensinam-e-aprendem, através de um diálogo mediatizado por mundos de vivência e de cultura entre seres humanos, grupos e comunidades diferentes, mas nunca desiguais.*
>
> *Assim, não existem educadores individuais ou coletivos (como "o Partido"). Do mesmo modo como não é possível pensar ciências da natureza e da história pré-estabelecidas e pedagogicamente passíveis de serem ortodoxamente tomadas como ponto de partida exclusivo de qualquer docência.*
>
> *Alfabetizar-se, educar-se (e nunca: "ser alfabetizado" ou "ser educado") significa algo mais do que apenas aprender a ler palavras e desenvolver certas habilidades instrumentais. Significa aprender a ler, crítica e criativamente, "o seu próprio mundo".*
>
> *Significa aprender, a partir de um processo dialógico em que importa mais o próprio acontecer partilhado e participativo do processo, do que os conteúdos com que se trabalha, a tomar consciência de si-mesmo (quem de fato e de verdade sou eu? qual o valor de ser-quem-sou?); tomar consciência do outro (quem são os outros com quem convivo e partilho a vida? em que situações e*

posições nós nos relacionamos? e o eu isto significa?); e tomar consciência do mundo: o que é o mundo em que vivo? Como ele foi e segue sendo socialmente construído para haver-se tornado assim como é agora? O que nós podemos e devemos fazer para transformá-lo.

5-A pedagogia da obra Pedagogia do Oprimido é um método de ensino ou uma concepção de educação?

Vejamos bem. Há pedagogias que partem da educação. E há pedagogias que chegam à educação. As primeiras formulam esta pergunta fundadora que parte desde a educação: "o que ensinar e como ensinar para que as pessoas aprendam bem o que precisam aprender a saber para viverem (produtivamente, segundo a versão mais "empreendedoras") as suas vidas?"
As segundas formulam uma sequência de perguntas encadeadas que deságuam na educação: "que ser humano e para que vida e destino formá-lo"; " Se este ser é essencial e existencialmente um "ser social", para que sociedade e para a construção humana de que sociedades formá-lo?"; "Se a vida em sociedade que ele vive e comparte com os outros é uma vida significativa e significada através de uma cultura, ou uma pluralidade de culturas, como formar homens para que através de suas culturas eles criem, consolidem e transformem os mundos sociais em que vivem?"; "consequentemente, qual pedagogia (ou quais pedagogias, (pluriculturalmente) devem ser praticadas para realizar qual ou quais modalidades de educação?"
Hoje, mais do que ontem, vivemos um tempo em que algumas "pedagogias diretas" pretendem erigir-se como um sistema de educação. E o fazem pelo caminho mais perverso. Não por outro motivo profeticamente Paulo Freire as denominou "educação bancária" em ***Pedagogia do Oprimido.*** *Elas submetem tanto o ser humano em sua essência e em sua existência, quanto a comunidade social em que ele vive a sua vida e o seu destino, a algo a cada dia mais imposto como uma realidade social e, mais ainda, como a própria instância fundadora, ordenadora e gestora da vida social.*
Lembrei linhas acima que já em 1960, nos escritos da "equipe nordestina" de Paulo Freire, o que foi proposto não era um "método de alfabetização", mas todo um "sistema de educação", com várias fazes ou etapas, chegando uma delas a uma Universidade Popular.
Paulo, como alguém que partilha uma educação humanista associada a variantes de uma pedagogia crítica, vai além de um "método" ou mesmo de uma "concepção" de educação. Ele parte de uma concepção da pessoa humana como criadora, construtora e transformadora do mundo social em que vive. E como um ser situado não em uma história em que ele vive, mas desde uma história que cabe a ele coletivamente construir.
Se me fosse pedido para resumir todo o pensamento fundador de Paulo Freire em algumas poucas palavras, como breves sentenças de menos de uma linha cada, eu escreveria isto:

Que ao ser humano seja dado:

Viver a sua vida
Criar o seu destino
Aprender o seu saber
Partilhar o que aprende
Pensar o que sabe
Dizer a sua palavra
Ousar transformar-se
Unir-se aos seus outros
Transformar o seu mundo
Escrever a sua história

6-Você compara Pedagogia do Oprimido à Paidéia Grega. Qual o paralelo que existe entre estas duas obras?

No que eu considero o mais notável livro sobre a educação, ***Paideia – a formação do homem grego,*** *de Werner Jaeger, há uma passagem misteriosamente presente na edição em Português e em Espanhol, e ausente na edição original em Alemã. Nela Jaeger considera Platão o "primeiro educador popular". E ele usa esta expressão: "educação popular. Duas palavras que, juntas, ao longo dos séculos e de diferentes nações antecederam a "educação popular" dos anos sessenta-setenta.*
A relação mais próxima entre os gregos clássicos e Paulo Freire, e nós, é que é na Grécia anterior mesmo a Sócrates, por uma primeira vez a educação deixa de ser uma pedagogia inamovível e reiteradora do consagrado, através de um ensino pré-estabelecido e vivido mais como catequese do que como questionamento e diálogo, e se transforma em "paidéia". Em uma questão aberta. Em um território de diálogos e debates. A educação tem a ver com a "formação da pessoa para a vida social", logo as perguntam essenciais não partem dela. Chegam a ela.
Então como Paulo Freire e nós nos anos sessenta, antes de pensar pedagogicamente "uma educação", era necessário questionar antes e criticamente: formar que pessoas, para ser quem, para o que, e em que mundo social? Razão pela qual as educações que Paulo antepõe à "bancária", não podem deixar de ser: "problematizaras", "questionadoras", "conscientizadoras".

7-Um dos termos centrais da concepção de educação de Freire é diálogo. Como você avalia a importância do diálogo na educação e qual o desafio da educação dialógica no atual contexto da expansão da cultura midiática?

"Diálogo" é uma palavra ao mesmo tempo substantiva e perigosa. Ela serve tanto a Bolsonaro quanto a Lula. Serve ao pior poder e serve a quem busca libertar-se dele. Serve à TV Globo e ao MST.
Em pedagogias tradicionais o diálogo quase sempre é apenas uma metodologia. Entre nós o diálogo é a porta de entrada da educação e também

a de saída. Não usamos didaticamente o diálogo para ensinar; ensinamos para que pessoas aprendam a se tornar dialógicas. Aprendam a dialogar com elas-mesmas (sem precisar "fazer psicanálise"), com os seus outros e com o seu mundo.

Entrevejo com preocupação o momento atual dos usos da eletrônica na vida cotidiana e na educação. E trago aqui um exemplo banal para tornar isto mais visível. No passado, uma simples carta minha para Paulo Freire, para comunicar a saída de um livro coordenado por mim com um artigo dele, deveria conter no mínimo uma página e meia. E deveria conter sempre algo mais do que "uma notícia". Tenho cartas de pessoas amigas e de educadoras e de educadores, que são pequenos artigos reflexivos sobre algum tema. Durante um ano e meio de namoro com minha mulher cheguei a escrever muitas cartas. E algumas cartas com doze a mais páginas. Páginas que mesclavam palavras de amor com reflexões sobre o sentido de nossa vida no mundo.

E hoje? O que escrevemos? O que andamos escrevendo e com qual densidade de memórias, de depoimentos, de pensamentos próprios, de longas confidências, de "filosofias de vida" nós nos escrevemos hoje em dia? Durante quatro anos pesquisamos e escrevemos teses de doutorado com mais de 200 páginas, sabendo que bem poucas pessoas lerão o fruto de nosso trabalho (mestrei e doutorei cerca de 80 pessoas, desde 1980!).

Muito bem! E as minhas mensagens às pessoas de minha vida? O que escrevo a elas? Com qual densidade de sentimentos, de palavras, de confidências nós nos comunicamos? Quem, dentre as pessoas que estarão agora lendo isto, receberam em sua vida pelo menos uma carta de amor de pelo menos uma página.

Paulo Freire, eu e tantas pessoas de nossos círculos convivemos tempos em que algumas palavras que hoje parecem estranhas, como "ideias fora do lugar, ou "palavras de outros tempos", "velharias", eram para nós palavras e semeaduras de ideias para conversas até em uma mesa de bar. Palavras como: "compromisso com a realidade"; "engajamento político"; "vida interior", "visão de mundo", "filosofia de vida", "ideal histórico", "consciência histórica". E porá í vai.

Afinal, nós, as pessoas do século XXI estamos fazendo o quê? Pensando o que? Dizendo umas para as outras o quê? Amando o que? Como? Com quais afetos? Em nome de que devaneios, sonhos, propósitos? Através de que mensagens? Quem ainda larga a "telinha" e o longo de dias e dias se debruça sobre o ***Grande Sertão, Veredas?*** *Quem ainda não ouve, não digo Beethoven, mas Edu Lobo?*

E mesmo Paulo Freire. Quem ainda lê "Paulo Freire por inteiro"? Em tempos passados nós nos debruçávamos horas e horas sobre os seus livros. Longas e refletidas leituras pessoais. Depois, debates e diálogos intermináveis. Hoje eu recebo pela internet um Paulo Freire dissolvido em repetidas citações pequeninas, quase sempre das mesmas passagens de algum livro seu. Para onde estamos indo nessa pressa dispersiva toda? Para que lugar? Para que vida? Para que mundo?

8-Em seus escritos e suas falas, três instâncias da ação humana aparecem sempre entrelaçadas na educação: cultura popular, memória e militância. Qual a influência da Pedagogia do Oprimido nesta sua concepção?

Creio já haver respondido antes. Aprendemos a pensar a educação como uma dimensão da cultura destinada a transformar pessoas que transformem seus mundos sociais de vida e de destino. Não apenas ***Pedagogia do Oprimido****, mas tudo o que se criou ao seu redor e depois de sua escrita e sua divulgação.*
Ademais, trabalhei no Movimento de Educação de Base, o mais criativo e inteligente movimento de educação que conheci e conheço. Lá alfabetizávamos com método e com arte, com palavras e com música. Uma de nossas cartilhas era toda escrita em "Cordel do Nordeste". Seu nome: "Mutirão".
Lembro que eu suas origens o trabalho pedagógico emancipador era vivido nas salas de aulas, ao redor de um círculo, nas reuniões à sombra de uma árvore, num teatro, em um palco com "música de protesto". Militávamos cantando. Educávamos poetando.

9-Como você avalia as posições do governo Bolsonaro sobre Paulo Freire e o que cabe aos educadores diante das críticas que são feitas ao patrono da educação brasileira?

Tenho me preocupado pouco com o que o "governo Bolsonaro" (ou o desgoverno daqueles que exercem de fato o poder no Brasil, tendo em Bolsonaro um pálido e patético emissário oficial do governo). Uma razão é que eu sou antropólogo e justamente agora estou, na beira dos 80 anos, deixando mais fora do foco a educação, e voltando mais para o foco da cultura. Assim, como um velho peregrino que no fim da vida retorna à casa de onde saiu, estou voltando da educação popular, a que me obriguei por vocação política de presença e de militância, e estou me voltando para a cultura popular, que é minha origem (inclusive no que toca a educação) e a minha vocação.
Outra, porque estou menos preocupado com "o que eles estão fazendo com a gente" e mais ocupado com "o que a gente deve fazer com o que estão fazendo com a gente".
Atravessei todos os anos da "ditadura militar", parte como estudante e parte como professor. Mas ao longo dela toda, como um pesquisador de culturas populares (negros e camponeses) e um militante da educação popular, desde janeiro de 1964, vivi e vivemos momentos muito difíceis, e para algumas e alguns de nós, terríveis mesmo.
Hoje recordo que tanto aqui no Brasil, como no Chile, na Argentina e no Uruguai sob ditaduras, nunca fomos tão criativos. Nunca lutamos tanto, nunca enfrentamos tanto, nunca fomos tão insurgentes e aguerridos, nunca cantamos, teatralizamos, filmamos e poetamos tanto. Nunca resistimos, inventamos e criamos tanto.
É hora de voltar a isto! Menos crítica teórica boa para encontros acadêmicos, e mais ação concreta junto ao povo e nas ruas. Menos mera resistência eletrônica e mais respostas criativas por escrito ou nos círculos insurgentes.

As críticas a Paulo e a tudo o que gira ao redor de suas teorias e profecias deveriam ser previstas. Terrível seria se ele não fosse tão criticado por este governo, e tão tentativamente (sem sucesso real algum) desconsiderado e posto à margem.
Acho que uma das maiores homenagens que um governo culturalmente retrógrado e imbecilizado, religiosamente fideísta, regido por princípios de crença e prática do século XVII e politicamente servil ao extremo ao capitalismo em seu 4º tempo de predomínio e hegemonia, está justamente no que estão buscando fazer com a sua memória, ao invés de ignorar Paulo Freire ou, pior ainda, considerá-lo até mesmo um aliado.
Vocês que me entrevistam sobre Paulo Freire são uma parcela da prova de que quanto mais acusações a Paulo e tentativa de apagamento de seu nome aqui no Brasil tanto mais a sua presença é insurgente e assertivamente ativada em todo o mundo. E não tanto a pessoa de Paulo, pois não se trata de defender um "mártir injustiçado", mas o seu inatacável legado. Não a pessoa de um alguém que morreu e se foi, mas a memória do que ele criou. E, penso, trata-se de não tanto manter "vivo e aceso o seu pensamento", mas de sobretudo recriar, reinventar, superar desde o seu legado e em seu nome.

10-Quais são suas críticas acerca dos limites e das potencialidades atuais da Pedagogia do Oprimido?

Conta Moacir Gadotti que quando ele e um grupo de educadores amigos resolveram criar o Instituto Paulo Freire, foram em grupo propor a ideia a ele. Paulo teria ouvido, pensado e respondido: "Vejam, se for para me repetir, não vale a pena; mas se for para me superar, então criem". Foi criado.
***Pedagogia do Oprimido** foi escrito no final dos anos sessenta. Estamos no ano 2020. Paulo sempre foi um "homem conectivo", como Moacir Gadotti sempre gostou de lembrar. Nunca, em momento algum ele criou algo que não fosse "em equipe", e a partir de ouvir os outros e acolher ideias pessoais ou coletivas, ditas ou escritas.*
Isolar Paulo Freire como um pensador e um educador único e absolutamente original é justamente conspirar contra a sua pessoa e as suas ideias. Desde os seus primeiros escritos, ele esteve sempre situado dentro de uma equipe que pensava e criava junco com ele. A partir da SEC da Universidade do Recife. Depois, no seu exílio, quando ele criou com outros e outras exiladas o IDAC, e viveu a sua ação intensamente desde esta equipe de pensamento e trabalho. Depois, as suas turmas de alunos e equipes (bem mais na PUC de São Paulo do que na UNICAMP). Finalmente, até o fim de sua vida, nas equipes do Instituto Paulo Freire.
Penso que existe tanta ousadia e criatividade ao "redor de Paulo", desde o começo de tudo até sempre, do que "apenas em Paulo Freire". Não existiria a educação popular e todo o seu desdobramento sem Paulo Freire. Não existiria apenas com ele.
E seu apelo deverá continuar ecoando entre nós. Só seremos fieis a Paulo Freire e a seu legado, se ao longo do tempo e no curso da história ousarmos

dialogar com ele, ousando ir até para além dele. Era isto o que ele pedia a nós. É bem isto o que ele espera de nós!

Verão de 2020
Carlos Rodrigues Brandão

Outros artigos, livros e escritos sobre
a educação, a antropologia e a literatura
podem ser livremente acessados
copiados, etc. no site:
www.apartilhadavida.com.br